



**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof.^a. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof.^a Dra. Lorena Almeida Gill
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Prof.^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof.^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof.^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof.^a. Dr.^a. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof.^a. Dr.^a Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof.^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho | Felipe Radünz Krüger | Mario Marcello Neto

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Los mejores cómics. Autor: <https://www.lacasadeel.net/2016/12/los-mejores-comics-regalar-2016.html>.

Pareceristas ad hoc:

Ciro Inácio Marcondes (Universidade Católica de Brasília) | Amaro Braga (Universidade Federal de Alagoas) | Alexandre Link Vargas (Universidade do Sul de Santa Catarina) | Thiago Vasconcellos

Modenesi (Universidade Tiradentes) | Savio Queiroz Lima (Universidade Federal da Bahia) | Sabrina Paixão (Universidade de São Paulo)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2022/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre:
Revistas de Livre Acesso | International Standard
Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai |
Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP:
96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

* obra publicada em janeiro de 2023.



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: A história através das mídias) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v. 28, n. 1, dez. 2022. – Pelotas : UFPel/NDH, 2022 –
163 p. ; 4,3 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Mídias 3. HQ's 4. Filmes 5. Séries

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Lorena Almeida Gill</i>	07
APRESENTAÇÃO DOSSIÊ DOSSIER PRESENTATION <i>Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho Felipe Radünz Krüger Mario Marcello Neto</i>	11
DOSSIÊ: A HISTÓRIA ATRAVÉS DAS MÍDIAS	
TRAUMA E TESTEMUNHO EM GRAMA, DE KEUM SUK GENDRY-KIM: QUADRINHOS SOBRE AS MULHERES DE CONFORTO TRAUMA AND TESTIMONY IN GRAMA, BY KEUM SUK GENDRY-KIM: COMICS ABOUT COMFORT WOMEN <i>Daniel Soares Duarte</i> <i>Leticia Chrisostomo Bortt Moreira</i>	13
THOR, QUADRINHOS E O ENSINO DA BELEZA E A JUSTIÇA DE PLATÃO THOR, COMICS AND PLATO'S TEACHING OF BEAUTY AND JUSTICE <i>Renis Ramos Silva</i> <i>Gelson Weschenfelder</i>	36
SHAZAM: O PARADOXO DA JUVENTUDE SHAZAM: THE PARADOX OF YOUTH <i>Diego das Neves Ribeiro</i> <i>Elbert de Oliveira Agostinho</i>	49
QUANDO OS SUBALTERNIZADOS TOMAM AS CENAS: O CINEMA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA WHEN THE SUBALTERNIZED DINATES TAKE THE SCENES: CINEMA AS A PEDAGOGICAL TOOL <i>Carine Medineira Buss Flores</i> <i>Erica Kirchhof Dias</i> <i>Fernando Souto Dias Neto</i>	67

<p>O HORROR “SOCIALMENTE RELEVANTE” DA EC COMICS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS “THE PATRIOTS” DE 1952</p> <p>THE “SOCIALLY RELEVANT” HORROR OF EC COMICS: AN ANALYSIS OF THE 1952 GRAPHIC NOVEL “THE PATRIOTS”</p> <p><i>Rodrigo Aparecido de Araújo Pedroso</i></p> <p><i>Rodrigo Cardoso Polatto</i></p>	81
<p>GUERRA E SEXO EM LOST GIRLS, DE ALAN MOORE E MELINDA GEBBIE</p> <p>WAR AND SEX IN LOST GIRLS, BY ALAN MOORE AND MELINDA GEBBIE</p> <p><i>Márcio dos Santos Rodrigues</i></p> <p><i>Suellen Cordovil da Silva</i></p>	99
<p>DESTRUIÇÃO CRIATIVA NA CAPITAL INGLESA: O CASO V FOR VENDETTA</p> <p>CREATIVE DESTRUCTION IN THE ENGLAND CAPITAL: CASE V FOR VENDETTA</p> <p><i>Felipe Radünz Krüger</i></p> <p><i>Mario Marcello Neto</i></p> <p><i>Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho</i></p>	117
ARTIGO LIVRE	
<p>“OS ASTROS DA 5º COLUNA”: REPRESSÃO POLICIAL NO RIO GRANDE DO SUL DURANTE O GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS (1930-1945)</p> <p>“THE STARS OF THE 5TH COLUMN”: POLICE REPRESSION IN RIO GRANDE DO SUL DURING THE GOVERNMENT OF GETÚLIO VARGAS (1930-1945)</p> <p><i>Tamires Ferreira Soares</i></p>	137
INSTRUMENTO DE TRABALHO	
<p>OS ESTATUTOS DA SOCIEDADE ITALIANA UNIÃO E PHILANTROPIA EM PELOTAS (RS) (1877)</p> <p>THE STATUTES OF THE ITALIAN SOCIETY UNIÃO E PHILANTROPIA IN PELOTAS (RS) (1877)</p> <p><i>Elisabeth da Rosa Conill</i></p>	154

GUERRA E SEXO EM LOST GIRLS, DE ALAN MOORE E MELINDA GEBBIE

WAR AND SEX IN LOST GIRLS, BY ALAN MOORE AND MELINDA GEBBIE

Márcio dos Santos Rodrigues¹

Suellen Cordovil da Silva²

Resumo: Discute-se a relação entre erotismo, pornografia e a memória histórica da Primeira Guerra Mundial a partir de *Lost Girls*, de Alan Moore e Melinda Gebbie. *Lost Girls* é uma história em quadrinhos que conta o início da vida sexual de três importantes personagens femininas de ficção do fim do século XIX e início do século XX. O nosso ponto principal de discussão será observar como a obra estabelece uma crítica às guerras, ao colocar em evidência elementos e representações do período. A obra trabalha uma atmosfera histórica embebida da liberdade sexual das personagens femininas da literatura clássica em meio a um cenário pré-Primeira Guerra. Por meio da noção que Hans Ulrich Gumbrecht desenvolve e designa por *stimmung* (atmosfera ou clima histórico) buscamos compreender o processo que os autores constroem, ao transpor e reunir personagens como, por exemplo, Alice, Wendy e Dorothy no mesmo enredo. Considerando Gumbrecht, analisamos como Moore e Gebbie estabelecem um diálogo não apenas com a literatura, mas com o passado, percebendo a forma como presentificam na obra uma atmosfera histórica que culminou na eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Palavras-chave: *Lost Girls*; Erotismo; Pornografia; Atmosfera Histórica; Primeira Guerra Mundial.

Abstract: This paper discusses the relationship between eroticism, pornography and the historical memory of World War I in Alan Moore and Melinda Gebbie's *Lost Girls*. *Lost Girls* is a comic book that relates the early sexual lives of three important female characters in the late 19th and early 20th century novel. The focus of our discussion will be to observe how the book establishes a critique of the wars, by putting in evidence elements and representations of the period. The comic book works a historical atmosphere embedded with the sexual freedom of female characters from classical literature in the midst of a pre-First World War scenario. Through the notion that Hans Ulrich Gumbrecht develops and calls *stimmung* (historical atmosphere or climate) we seek to understand the process that the authors construct when they transpose and bring together characters such as Alice, Wendy and Dorothy in the same plot. Considering Gumbrecht, we analyze how Moore and Gebbie establish a dialogue not only with literature, but with the past, perceiving the way they present in the work a historical atmosphere that culminated in the outbreak of the First World War.

Keywords: *Lost Girls*; Eroticism; Pornography; Historical Atmosphere; World War I.

Introdução

Este artigo examina alguns pontos de convergência entre erotismo, pornografia e a Primeira Guerra Mundial que perpassam *Lost Girls*, obra em quadrinhos escrita por Alan

¹ Doutorando em História pela UFPA, Professor do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: marcio.strodrigues@gmail.com

² Doutora em Letras pela UFSM. Professora de Língua e Literaturas em Língua Inglesa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: suellen@unifesspa.edu.br

Moore e desenhada por Melinda Gebbie. Para desenvolvermos o nosso percurso analítico, dialogamos com conceitos em torno do erotismo e da pornografia e como o diálogo entre os dois termos se correlaciona com a publicação de *Lost Girls*. Pretendemos apontar o contexto histórico da publicação em relação aos recortes temporais apresentados na obra, mas não como um pretexto de análise e sim para destacar as suas repercussões críticas no campo da História e suas provocações da sexualidade nas histórias em quadrinhos.

Lost Girls trouxe uma grande polêmica social por ser uma história em quadrinhos assumidamente pornográfica³. Publicada em um cenário diverso do habitual e para um público distinto das obras deste gênero, a obra apresentava conteúdos considerados ameaçadores para uma mentalidade patriarcal. Tendo como foco a perspectiva de mulheres que se aproximam e contam umas para as outras os seus processos de descobrimento de suas sexualidades desde as suas infâncias, a obra explorou a questão do sexo dentro de uma perspectiva emancipatória. Ao mesmo tempo, causou polêmica por revelar uma faceta “pornográfica”, apresentando em diferentes ocasiões as mesmas personagens participando de vários atos sexuais entre si, de uma forma um tanto explícita, quebrando todo tipo de tabu sem o menor pudor. Vale lembrar que *Lost Girls* se distancia fortemente de padrões de heteronormatividade presentes em quadrinhos eróticos como os de Milo Manara e Guido Crepax⁴, por exemplo, e/ou de produtos da indústria pornográfica, caracterizados pela predominância da dominação do olhar masculino sobre corpos e subjetividades femininas.

Moore repetiu por mais de uma vez a quem quisesse ouvir que *Lost Girls* não era de forma alguma uma HQ erótica, mas uma pornografia⁵. Para o roteirista inglês não há nada

³ Não será aqui o espaço para reforçar distinções hierarquizantes entre os termos erotismo e pornografia. Pode-se dizer que são termos que descrevem experiências bastante variadas e que, em determinadas situações, apresentam mais pontos de convergência do que de distanciamento. Desde já, partimos da premissa colocada pelo roteirista, de que *Lost Girls* é uma pornografia. Por pornografia entenda-se práticas historicamente situadas, no passado e no presente, envolvendo a produção de materiais destinados a estimular fantasias sexuais e excitar determinado público. Incluem nesse termo representações de nudez com a exposição de genitais em atos sexuais explícitos, apresentados de uma forma considerada quase sempre, do ponto de vista moral, inadequada por muitos. Como categoria literária e de representação visual, a pornografia se consolida, segundo a historiadora cultural norte-americana Lynn Hunt (1999), partir do século XIX, embora possamos ver traços pornográficos em expressões desde o começo da Era Moderna. Conforme Hunt, a genealogia desse fenômeno cultural se funde com as bases do pensamento moderno e ocidental.

⁴ ASSIS, Diego. Leia a íntegra da entrevista com Alan Moore: Em que o autor de “Lost girls” fala mais profundamente sobre pornografia. E aponta críticas nos mestres do erotismo europeu Manara e Crepax. Em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL78296-7084,00.html>>. Acesso em 08/02/2021.

⁵ Conforme TONIK, Ginnis. It’s Porn, But Is It Art? A *Lost Girls* Retrospective. Disponível em: <https://womenwriteaboutcomics.com/2016/04/its-porn-but-is-it-art-a-lost-girls-retrospective/>. Acesso: 08/02/2021, e EKLUND, Tof. “A Magical Realism of the Fuck.” *ImageText*3:3 (2007). <http://www.english>

de errado com o uso do termo pornografia. Para ele, o termo pode assumir outras conotações, desde que dialogue com novos referenciais. Moore distinguiu *Lost Girls* da pornografia convencional, que é feita quase sempre por homens para homens interessados exclusivamente nos próprios prazeres e desejos sexuais masculinos. As narrativas pornográficas produzidas por homens e para homens acabam expressando uma perspectiva falocêntrica e para isso submetem as mulheres que estão ali à condição objetificante de um simples detalhe ginecológico, em uma dimensão secundária destituída de protagonismo. Além disso, na pornografia raramente o que é apresentado corresponde ao que qualificaríamos como “enredo”, aos moldes de um texto literário ou de um filme.

Moore, que é assumidamente anarquista, se colocou por várias ocasiões contra estruturas de poder e submissão e na pornografia convencional é possível perceber diferentes dispositivos que constituem tais estruturas. Assim, existem nuances do erotismo e da expressão transgressora na busca por liberdade das sexualidades das personagens num momento histórico da guerra em *Lost Girls*. Nesse sentido, como é desenvolvido o erotismo diante da Primeira Guerra Mundial na obra de história em quadrinhos intitulada *Lost Girls*?

Alan Moore é um escritor conhecido por leitores e pesquisadores de histórias em quadrinhos, uma figura com uma vasta bibliografia, repleta de obras consideradas importantes para o desenvolvimento da narrativa das HQs. Moore é considerado um dos escritores mais relevantes do mercado de quadrinhos dos últimos cinquenta anos, “um daqueles do qual nenhum estudioso das artes sequenciais pode prescindir”⁶ (AICARDI, 2005. p. 9). Mas, ele também é um artista dos mais variados gêneros, pois escreveu romances, ensaios e roteiros para curtas-metragens, entre outros. Além disso, o autor também faz performances. Moore nasceu em Northampton, cidade localizada no East Midlands, região da Inglaterra, em 18 de novembro de 1953. Ele teve um relacionamento com Phyllis Moore e atualmente é casado com Melinda Gebbie, sua segunda esposa. Já Melinda Gebbie⁷ é uma figura importante do cenário de produções femininas/feministas dos quadrinhos estadunidenses, estando envolvida em algumas das mais relevantes publicações desse cenário, tais como *Wimmen’s Comix*⁸ e *Tits & Clits Comix*. Contribuiu também com trabalhos nos

.ufl.edu/imagetext/archives/v3_3/lost_girls/eklund.shtml. Acesso: 01/02/2021.

⁶ “uno di quelli da cui nessuno studioso di arti sequenziali può prescindere”, no original.

⁷ Conforme informações biográficas disponíveis no próprio site da desenhista (<http://www.melindagebbie.com/comics>) e do crítico de quadrinhos Paul Gravett (http://paulgravett.com/profiles/creator/melinda_gebbie)

⁸ *Wimmen’s Comix* é o nome do/a coletivo/antologia que Melinda Gebbie participou como desenhista em um contexto de surgimento de publicações *underground* editadas por mulheres nos Estados Unidos. Atualmente o coletivo não existe mais e, ao longo de sua existência, teve o nome rebatizado para *Wimmin’s Comix*. Ainda

volumes de *Wet Satin: Women's Erotic Fantasies*⁹ e *Anarchy Comics*¹⁰. Em 1977, ela publicou sua própria história em quadrinhos solo, *Fresca Zizis*. Gebbie nasceu em 1937, em San Francisco, nos Estados Unidos, e se mudou para a Inglaterra em 1984. Um ano após se instalar no país, teve que enfrentar o banimento de *Fresca Zizis* na Grã-Bretanha sob acusações de obscenidade¹¹. Antes de seu casamento com Moore, foi esposa do poeta californiano Adam Cornford. O casamento com Moore ocorreu em 2007 (**Imagem 1**). Com o roteirista inglês, além de sua arte para *Lost Girls*, colaborou com *Cobweb*, quadrinho sobre uma personagem feminina que integra a série *Tomorrow Stories*. A criação de *Cobweb* se deu na ocasião do lançamento da linha editorial *America's Best Comics*, em 1999.



Imagem 1: Moore e Gebbie em trajes de casamento. Foto de 2007

Fonte: Reproduzida em *Alan Moore: Storyteller*, de Gary Spencer Milledge (2011, p.287)

hoje é evocado no meio quadrinístico e em estudos acadêmicos pela equipe de mulheres quadrinistas que reuniu e que fez entre 1972 e 1992 uma série de publicações em quadrinhos, cujas temáticas giravam em torno de temas caros ao período como o sexo, política, feminismo e homossexualidade/lesbianidade. Para maiores informações sobre o coletivo/antologia ver o verbete escrito pelo pesquisador sueco Fredrik Strömberg e publicado em *Comics through Time: A History of Icons, Idols, and Ideas* sobre uma das principais figuras desse cenário, a quadrinista Trina Robbins (2014, p.750-751).

⁹ Foi uma série de quadrinhos erótico-pornográficos publicadas em duas edições e editada pela quadrinista estadunidense Trina Robbins. A primeira edição foi publicada pela Kitchen Sink Press em 1976, contando com uma história de Gebbie, *The Cock-pit*.

¹⁰ Série de quadrinhos *underground* publicada pela editora estadunidense Last Gasp Publishing entre 1978 e 1987. Gebbie contribuiu em todas as 4 edições. Na primeira com *The Quilting Bee*. Com *Quotes from Red Emma*, no segundo número. Para a 3ª edição colaborou com *Benjamin Peret: Poet as Revolutionary*, ao lado do poeta britânico Adam Cornford. Por fim, *Public Enemy* para a quarta e última edição de *Anarchy Comics*.

¹¹ Sobre o banimento, há uma curta menção em ROBBINS, Trina; RICHARDS, Terre. *The Complete Wimmen's Comix*. Seattle, WA: Fantagraphics. 2016, p.700.

A obra *Lost Girls*

Lost Girls é um romance gráfico (ou seja, um formato ou rótulo específico dentro das possibilidades existentes no mercado de quadrinhos) de fundo erótico-pornográfico, centrado nas aventuras sexuais de três importantes personagens femininas de ficção fantástica do fim do século XIX e início do século XX. A obra foi iniciada em 1991 nas páginas da edição de número 5 da antologia estadunidense *Taboo*. Após o encerramento da antologia, *Lost Girls* teve alguns capítulos desenvolvidos na revista *Kitchen Sink* e, depois de quinze anos de sua concepção, foi lançada numa versão acabada, em 2006, em 3 tomos, pela Top Shelf Productions¹² (**Imagem 1**). Dois anos depois, *Lost Girls* ganhou uma edição brasileira pela Devir. Essa edição acabou sendo premiada no Brasil na vigésima edição do Troféu HQ Mix, em 2008, na categoria publicação erótica. Mais recentemente, em 2021, o romance ganhou uma nova edição/tradução nacional, pela editora Mythos¹³.



Imagem 2: capas dos 3 tomos originais de *Lost Girls: Older Children* (Book 1), *Neverland* (Book 2) e *The Great and terrible* (Book 3)

As protagonistas da trama são Alice, das obras *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho*; Dorothy Gale, de *O Maravilhoso Mágico de Oz*; e Wendy Darling, da série *Peter Pan*. A Alice de Moore e Gebbie não é propriamente a de Lewis Carroll (1832-1898), estando já longe do País das Maravilhas e do outro mundo atrás dos espelhos. Na trama ela

¹² Fundada em 1997, a editora estadunidense foi adquirida em 2015 pela IDW Publishing.

¹³ A edição da Mythos é lembrada por erros editoriais que comprometeram a integridade da obra, ao alterar a ordem original das páginas (trocando as ímpares pelas páginas pares). Deste modo, modificou o ponto de viragem de cada página, “matando” o fluxo da narrativa previamente determinado pelos autores.

é chamada de Lady Fairchild, sendo descrita como uma rica senhora de cabelos grisalhos, escandalosamente aberta sobre ser uma mulher lésbica; Wendy Darling, agora Wendy Darling-Potter, é inicialmente mostrada como uma mulher reservada, tipicamente inglesa e presa nas rígidas convenções morais e vitorianas de um casamento de conveniência. Já Dorothy Gale, a garota das aventuras de Frank L. Baum (1856-1919), é construída como uma jovem ruiva desregrada, que expõe ao longo da trama ser dona de um apetite sexual insaciável¹⁴.

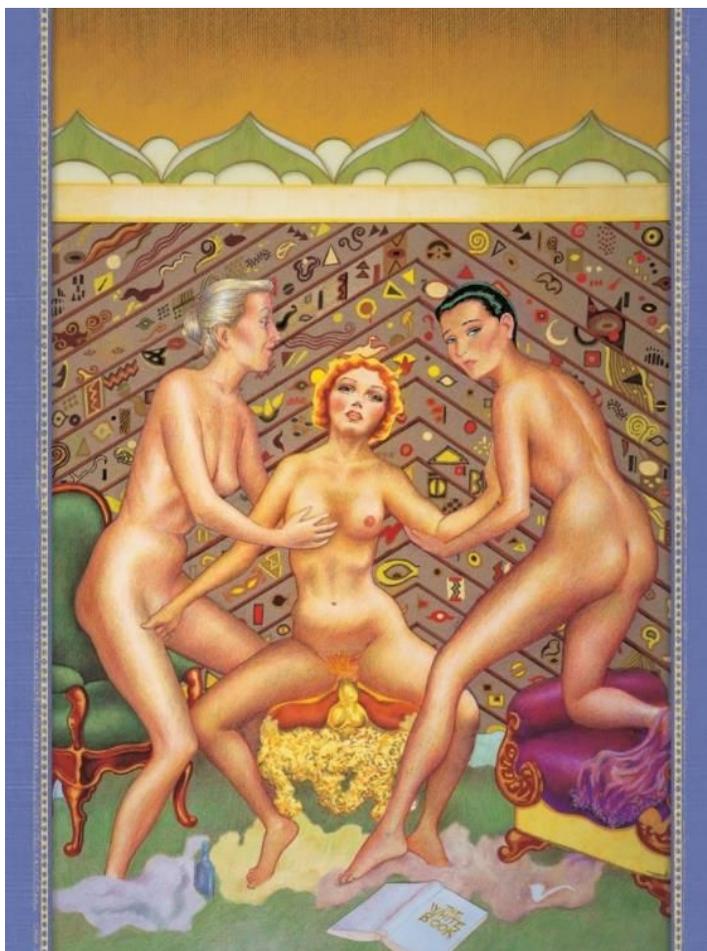


Imagem 3: Da esquerda para a direita, vê-se Alice, Dorothy e Wendy. As três personagens já adultas são apresentadas nuas e em um ato performático sexual em arte do volume 1 de *Lost Girls*

¹⁴ O Leão, o Homem de lata, o Espantalho e o Mágico de Oz são alegorias de homens com os quais ela se envolveu sexualmente no passado.

Em *Lost Girls*, as personagens se apresentam como pessoas diferentes, mas que têm bastante coisas em comum. Elas se encontram em um hotel decadente nas montanhas da Áustria, o Hotel Himmelgarten, meses antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial, e lá descrevem, compartilham e constroem experiências eróticas, bem como levam até as últimas consequências uma série de atos libidinosos.

O que os autores fazem, ao se apropriarem dessas três personagens femininas conhecidas a partir dos contos infantis, é especular sobre a relação tensa entre arte, erotismo e pornografia. Essa especulação por meio dos quadrinhos recebeu diversas críticas, contrárias às representações pornográficas da obra, mas também recebeu pareceres favoráveis pelo modo como explora diferentes sexualidades em nível estético. *Lost Girls* traz uma intensidade de contextualizações históricas e de sexualidades das mais variadas interpretações. Isso provoca novas críticas por parte do leitor desse quadrinho em um certo ponto em relação às histórias em quadrinhos para o público infanto-juvenil. No entanto, a crítica social presente na narrativa desestabiliza o leitor desatento ou sem alguma pretensão após a leitura da história em quadrinhos.

Recepção crítica do quadrinho

Na Inglaterra, país de origem do roteirista, *Lost Girls* foi motivo de uma série de controvérsias, relacionadas não somente ao conteúdo apresentado pela HQ, mas aos direitos autorais. O *Great Ormond Street Hospital*, instituição hospitalar com foco na saúde infantil, localizada na área de Bloomsbury, no bairro londrino de Camden, recebeu do criador de Peter Pan, o escocês James Matthew Barrie (1860-1937), a propriedade de todas as personagens da Terra do Nunca. Além de não concordar com a temática envolvendo as personagens do conto infantil, a instituição tentou impedir a comercialização da obra no momento de seu lançamento, em 2006, sob o argumento de que os autores violaram direitos autorais. A obra não pôde ser distribuída e vendida na Inglaterra até o final de 2007, quando os direitos autorais sobre a obra e personagens deixariam de pertencer à instituição e passaram a ser de domínio público.¹⁵

O aspecto sexual, presente em *Lost Girls*, longe de ser um exemplo isolado nos trabalhos de Moore, faz parte de um elemento importante e constitutivo das obras do roteirista inglês. Em sua vasta bibliografia é possível ver desde narrativas em que o tom

¹⁵ A informação está disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article678107.ece> Acesso em maio de 2010. Também disponível em <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/detentores-dos-direitos-de-peter-pan-atacam-novo-trabalho-de-alan-moore/>. Último acesso em 10 de fevereiro de 2021.)

erótico aparece de forma mais evidente como, por exemplo, em *Mirror of Love* (publicado pela Top Shelf originalmente em 2004) e em *25.000 Years of Erotic Freedom* (ensaio de caráter histórico lançado pela primeira vez em 2009), até obras em que a sexualidade aparece de forma um tanto velada como em *Miracleman*, *Watchmen* e *The Saga of the Swamp Thing*¹⁶. Alan Moore relacionou a sexualidade humana às características subversivas e imagísticas, por meio das percepções sensitivas humanas, e isso se repercute em quase todos os seus trabalhos como escritor de quadrinhos¹⁷. Isso exemplifica-se em *Lost Girls*, que trata de uma história com uma diversidade de fantasias sexuais representadas através das personagens Dorothy, Wendy e Alice em sua fase adulta.

Cada história dessas três personagens carrega as suas particularidades, bem como suas obras se relacionam com contextos/sentidos históricos específicos. Em virtude disso, precisam ser examinadas com o passar dos anos para se evitar confusões e serem melhor compreendidas/contextualizadas. Quando apropriadas para esta história em quadrinhos de Moore e Gebbie acabam sendo ressignificadas, inseridas em um outro sistema narrativo, com o qual nem todos possíveis interessados pelas personagens possuem proximidade ou familiaridade. Além disso, os autores, por meio de uma expressão artística que contempla o modo verbal e não verbal em articulação com imagens, oferecem possibilidades de subversão e de transgressão, ao introduzirem na obra elementos erótico-pornográficos. Isso faz com que *Lost Girls* careça de avisos prévios, para que um leitor desavisado ou mesmo infantil seja alertado do conteúdo que será apresentado na obra. Os editores da Mythos Editora, por exemplo, se esqueceram de incluir avisos sobre conteúdo adulto na capa/contracapa da edição de 2021. Todavia, mesmo que se lembrassem do alerta, há o perigo que Arcuri exemplifica com esta obra de Alan Moore e Melinda Gebbie:

¹⁶ COMER, Todd A.; SOMMERS, Joseph Michael. *Sexual Ideology in the Works of Alan Moore: Critical Essays on the Graphic Novels*. Jefferson, North Carolina: McFarland, 2012.

¹⁷ É possível ver a forma como Moore estabeleceu a sexualidade como campo de experimentações e de subversão política, quando mostrou nos anos 1980 Abby Cable, uma humana, e o Monstro do Pântano (*Swamp Thing*, no original), um ser humanoide vegetal, fazendo sexo nas páginas do título protagonizado pela criatura. Abby ao provar do fruto do Monstro do Pântano consegue ter acesso ao “Verde”, uma dimensão experienciada exclusivamente pelos seres vegetais. O sexo entre humano e um vegetal pode ser lido como uma reflexão sobre como os diferentes modos como o homem se posiciona diante da natureza. Moore estaria assinalando também que quando experimentamos uma maior integração com o mundo natural, abrir-se-ia nossa percepção, nos permitindo acessar dimensões nunca antes exploradas (conforme RODRIGUES, Márcio dos Santos. Sociedade de consumo, ecologia e histórias em quadrinhos: análise de América, de Robert Crumb, e o Monstro do Pântano, de Alan Moore. *2as. Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013).

A ignorância a respeito das particularidades do gênero engendra mal-entendidos que, infelizmente, podem vir a afastar o público. Certa vez, deparei-me na livraria, na seção infantil, com o título *Lost Girls*, escrito por Alan Moore e ilustrado por Melinda Gebbie, editado no Brasil pela Devir. O trabalho de Melinda remete a uma estética de “contos de fadas”, com traço, páginas, cores e desenhos harmoniosos, suaves. A capa, desenhada num estilo algo onírico, reforça a impressão de se tratar de um universo fantasioso, universo de princesas. O conteúdo, no entanto, traz meninas como Dorothy, de *O Mágico de Oz* e Alice, de *Alice no País das Maravilhas*, já crescidas – as garotas perdidas do título – e donas de extensa lista de proezas sexuais. Indo na contramão do sugerido pela ilustração da capa, o teor é altamente erótico – e certamente não deveria estar incluído na área infantil. Quem vê capa não vê coração. Embora os quadrinhos experimentem hoje um avanço expressivo no gosto do grande público, ainda se confunde o gênero como um todo com a produção voltada especificamente para o público infanto-juvenil (ARCURI, 2013, p. 241-242)

Essa questão foi discutida no artigo “Uma leitura de Gênero de *Lost Girls*” (2020), dos pesquisadores Suellen Cordovil Silva e Gustavo Reis. Os “contos de fadas” comumente são relacionados aos livros destinados às crianças. Assim, o leitor diante da capa de *Lost Girls* terá o desafio de distinguir o seu conteúdo ao longo do virar das páginas, podendo se deparar com formas visuais e esquemas narrativos permeados de repertórios assumidamente pornográficos. Os autores da história em quadrinho recuperam a noção do que é o proibido nesse sentido, pois “De fato, é necessária uma orientação para o público em geral sobre as obras em quadrinhos, a fim de evitar equívocos que somente reforçariam a não legitimidade dessa forma artística.” (SILVA; REIS, 2020, p. 59).

Atmosfera histórica e Memória da Primeira Guerra Mundial

Antes de tudo, para que a trama de *Lost Girls* faça sentido do ponto de vista narrativo e ao contexto ao qual se refere, é necessário compreender que Alice, Wendy e Dorothy viveram em uma mesma época, em um mesmo contexto histórico-social. Isso é possível desde que consideremos as datas de publicação dos livros de onde saíram cada uma das personagens. O livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (no original, *Alice's Adventures in Wonderland*) foi publicado em 1865 e sua sequência, *Alice no Outro Lado do Espelho* (*Alice Through the Looking Glass*, no original), em 1871. *Peter Pan* teve sua publicação em formato de livro, após ser adaptada de uma peça, em 1911. Já *O Mágico de Oz* (*The Wonderful Wizard of Oz*, no contexto original), livro protagonizado por Dorothy, teve sua primeira

publicação no ano de 1900.

Quando se apropriam dessas personagens dos clássicos infantis, o que o roteirista inglês e a desenhista norte-americana fazem não é uma simples adaptação, mesmo que possamos perceber alguns trechos retirados e apresentados literalmente¹⁸. O que encontramos em *Lost Girls* é uma tentativa de reinscrever personagens literárias em um outro universo simbólico, de modo a compreender a especificidade delas em termos culturais – quer seja no passado em que as personagens foram criadas ou no presente em que *Lost Girls* foi escrita e publicada - e dando a elas uma condição de concretude e fisicalidade - nos termos de Gumbrecht, produzindo uma presença. Além disso, ao presentificar as personagens, os autores buscam trazer à tona o clima ou atmosfera do contexto em que se delinea a trama (a saber, a virada do século XIX para o XX e o momento de eclosão da Primeira Guerra Mundial, evento da história da humanidade que teve início em 1914 e término em 1918), bem como potencializam em nosso contexto contemporâneo a dimensão simbólica dessa atmosfera, das personagens e dos conceitos que perpassavam a época. Mais do que simplesmente representar a atmosfera histórica, produzem a presentificação de um dado momento no tempo. Por meio da noção que Hans Ulrich Gumbrecht desenvolve e designa por *stimmung* (clima histórico) é possível compreender não apenas o processo que os autores constroem, ao transpor e reunir personagens como, por exemplo, Alice, Wendy e Dorothy no mesmo enredo, mas também o conjunto de valores e sociabilidades já presentes no momento em que as personagens foram concebidas.

Considerando Gumbrecht, pode-se afirmar que Moore e Gebbie estabelecem um diálogo não apenas com a literatura, mas com tempos, passado e presente. Os autores presentificam na obra uma atmosfera histórica (isto é, fazem do passado presente) que

¹⁸ Moore parece ter consciência da importância da literatura do final do século XIX para a configuração de modelos recorrentes, tanto que as escolhas que fez para outro trabalho, *A Liga Extraordinária*, em certa medida expressam isso. Nela, vemos o capitão Nemo (personagem principal do livro *Vinte Mil Léguas submarinas*, de Júlio Verne), Allan Quatermain (das *Minas do Rei Salomão*, de Sir Henry Rider Haggard, figura que dialoga com uma série de aventureiros, de Indiana Jones à Lara Croft, protagonista da série de videogames *Tomb Raider*), Henry Jeckyll e sua parte maligna, Mister Hyde (de *O Estranho caso do Dr. Jeckyll e de Mr. Hyde*, mais conhecido como *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson), Lady Wilhemina Murray (personagem feminina de *Drácula*, de Bram Stoker) e o *Homem Invisível* (de H.G. Wells). *A Liga* procura lançar um olhar para a especificidade de cada uma dessas personagens e das suas obras de referência no imaginário social. Os personagens que compõem a Liga são apropriados de formas as mais diversas, uma vez que não são obras fechadas, possibilitando diversas leituras e suscitam no leitor especular o que poderia ter acontecido depois que suas tramas originais foram encerradas. Assim, a trajetória de um determinado personagem não é apenas aquela circunscrita nas páginas de sua obra, mas também aquela que faz no imaginário. Como bem lembra Antonio Candido, em seu *A personagem de ficção*, uma “obra” projeta algo que vai muito além do que se espera dela. Cada olhar e/ou leitura faz com que se construam sentidos outros para ela.

culmina com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Moore e Gebbie nos apresentam mulheres de diferentes idades que poderiam ter se conhecido em algum momento por acaso, desde que Dorothy e Wendy não fossem muito jovens e Alice, por ter sido criada na década de 1860, não fosse muito mais velha.

Dentro dessas condições de possibilidade foi estabelecido o momento das vésperas da Primeira Guerra Mundial para ambientar a trama e para lidar com diferentes conceitos que se configuraram naquele momento. Dentre eles, os conceitos em torno da sexualidade aos moldes da psicanálise. Para construir uma ambiência histórica, Moore e Gebbie representam visualmente o momento em que “*Le Sacre du Printemps*”, de Igor Stravinsky, havia estreado em 29 de maio de 1913 (Capítulo 10, livro 1, “*Stravinsky*”) no Théâtre des Champs-Élysées e como, pelo fato do balé representar ritos de fertilidade, foi mal recebida pelo público, gerando inclusive motins¹⁹. A repercussão negativa do balé de Stravinsky durante a *Belle Époque* francesa foi explorada pelo historiador canadense Modris Eksteins em seu livro *A Sagração da Primavera* (publicado no Brasil em 1991). Eksteins desenvolveu em seu livro a tese de como os quatro anos da primeira experiência de uma guerra total abalaram de forma profunda as bases da sociedade até então existente, em um nível existencial, produzindo o que seriam os fundamentos sob os quais se fundamentam o mundo moderno tal como o concebemos. O título do livro de Eksteins, conforme o próprio autor, “adaptado de um balé que é um marco de modernismo, sugere nosso motivo principal: o movimento” (1991, p.12). De acordo com Eksteins,

Um dos símbolos supremos de nosso século centrífugo [no caso, o autor se refere ao século XX, *acréscimo nosso*] e paradoxal, quando na luta pela liberdade adquirimos o poder da destruição final, é a dança da morte, com sua ironia niilista orgiástica. A sagração da primavera, que foi apresentada pela primeira vez em Paris em maio de 1913, um ano antes da deflagração da guerra, talvez seja, com sua energia rebelde e sua celebração da vida através da morte sacrificial, a oeuvre emblemática do mundo do século XX que, em sua busca de vida, matou milhares de seus melhores seres humanos. Inicialmente, Stravinsky pretendia dar à sua partitura o título de *A vítima* (EKSTEINS, 1991, p.12).

Além disso, vemos também desfilando pelas páginas de *Lost Girls* diversas referências literárias e personagens de existência histórica concreta. No campo do erótico-

¹⁹ Moore, em seu texto para o quadro 1, da página 8 do capítulo 10 do livro 1, usa “*As the riot broke out*” (“Quando o motim começou”, em tradução livre) para se referir aos acontecimentos durante e após a apresentação do balé de Stravinsky.

pornográfico vemos os autores estabelecendo diálogos que vão desde um Aubrey Beardsley ou Franz von Bayros a Egon Schiele (referenciado no capítulo 13, “*Contrarywise*”, nos desenhos do Livro Branco do Monsieur Rougeur, lido por Harold Potter, marido de Wendy). Além destes, Moore se refere a Thomas Mann, Guillaume Apollinaire²⁰, Alphonse Mucha e Oscar Wilde, artistas que foram ao longo de suas vidas estigmatizados e tidos como controversos. Wilde, por exemplo, foi condenado a dois anos de pena de trabalho forçado por sua homossexualidade. Em *Lost Girls*, o texto do livro lido por Harold Potter é baseado no romance *The Picture of Dorian Gray*, de Wilde. Ali vemos Moore transcribindo sobre o texto de Wilde e estabelecendo uma relação visual com as formas visuais de Schiele para explorar o tabu da homossexualidade vivenciado pelo dono do livro e seu amante, o capitão Rolf Bauer (2006, capítulo 13, pp.1-8). Além de enveredar pelo erotismo nas artes, Moore traz à tona concepções até então inéditas no contexto que ele presentifica na trama, como as de Sigmund Freud a respeito da sexualidade desde a infância e sobre a transitoriedade. Em plena Primeira Guerra, em 1915, Freud escreveu um ensaio em que examina um passeio que fez com um amigo e um poeta “por uma rica paisagem num dia de verão” (2010b, p.248). Freud atenta no ensaio para o fato de o poeta manifestar um sentimento de desalento, de mal estar diante da efemeridade da paisagem florida, destinada a desaparecer com a chegada do inverno. Freud então refletiu sobre a transitoriedade, sobre a natureza perene das coisas e o nosso desejo de conservá-las, ao invés de deixá-las fluir e delas nos apropriarmos sem receios ou projeções. É possível, de certo modo, perceber como Moore e Gebbie estabelecem uma relação entre a ideia de paisagem florida com o cenário do hotel Himmelparten, local onde as personagens de *Lost Girls* se entregam orgiasticamente umas às outras, possibilitando se desabrocharem plenamente como mulheres, e o inverno que paira sobre a paisagem com a irrupção da guerra (elemento castrador de todas as potencialidades humanas). Para explorar tais concepções é que os autores constroem a narrativa através da paráfrase dos clássicos da literatura infantil, extraindo delas significados ocultos.

Outro ponto que contribui para a caracterização da atmosfera histórica é o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando em Sarajevo em 28 de junho de 1914. O crime cometido pelo jovem sérvio Gavrilo Princip, evento que é considerado o

²⁰ Mencionado no capítulo 12, “*Shaking And Waking*”, no quadro 2 da página 1, junto com Alphonse Mucha. Há a menção de uma colaboração entre Apollinaire e Mucha. Todavia, Alice nos informa que tal colaboração seria falsa, o que é possível de ser confirmada pela ausência de evidências sobre tal colaboração. Nesse ponto, tal menção está ali sendo apresentada para que seja configurada uma atmosfera histórica sobre autores do campo do erótico-pornográfico.

estopim para a Primeira Guerra Mundial²¹, é entrecruzado com uma sequência de sexo carregada de diferentes simbologias/alegorias (capítulo 20, *Snicker-Snack*, Segundo tomo). Enquanto a guerra divide os homens, o sexo conecta mulheres.

Apontamentos erótico-pornográficos em *Lost Girls*

Lost Girls foi um trabalho no qual Moore propunha romper a conexão entre a excitação e a vergonha, como afirmou o roteirista em seu ensaio “*Bog Venus versus Nazi Cock-Ring: Some Thoughts Concerning Pornography*” (em português, *A vénus Esteatopígia contra o Anel Peniano Nazista: Algumas considerações sobre Pornografia*). Percebemos que em *Lost Girls* os conceitos enraizados da sexualidade são explorados como uma espécie de pulsão da morte dos seres humanos, conforme proposta por Sigmund Freud. Assim, relaciona-se o sexo ou os interditos sexuais com os eventos que culminariam na Primeira Guerra Mundial, porque é nesse contexto que surge a psicanálise.

As personagens se encontram naquele contexto de guerra, descobrindo a potência de suas sexualidades e deixam-na aflorar, pornograficamente falando. Deste modo, as personagens quebram tabus e ao mesmo tempo expressam os seus pensamentos no campo da sexualidade como se fossem “explodir”. Nesse ponto, surge uma crítica, na qual a guerra se destaca negativamente, como um lugar onde jovens potentes são mandados para morrer por velhos generais e governantes impotentes. A presença das sexualidades plurais na obra e a sua valorização descrita pelos atos sexuais das personagens demarca a liberdade em seu vigor energético. Ou seja, o sexo é elemento necessário para o desenvolvimento de uma fluidez corporal, ao invés da guerra corporal, que implica em negar todo e qualquer tipo de fluidez. Nesse sentido, compreende-se que o erotismo é um baile de caminhos do interdito e o da transgressão para George Bataille (2017). O tradutor Fernando Sheiber, a partir da obra intitulada *O erotismo* de George Bataille, destaca que o erotismo é “a vida levada a uma intensidade tal, sempre através do gasto inútil de energia, que não se distingue mais da morte” (2017, p. 16). Assim, a descontinuidade do ser humano é uma forma de compreensão do erotismo. Pois, a energia corpórea quando é investida em momento inúteis e improdutivos causa danos a sociedade como afirma o tradutor que “Toda energia não dissipada ativamente, gloriosamente, eroticamente, é sofrida miseravelmente como guerra” (2017, p. 16). Assim, a

²¹ A primeira menção à conturbada situação internacional que resultará na Primeira Guerra, todavia, aparece no capítulo 11, “*A Caucus Race And A Long Tale*”, na página 5, quando o texto nos informa que há uma sensação de um conflito estar a ponto de explodir na cara das pessoas e, de forma complementar e ao mesmo tempo contraditória, vemos uma sequência em que Dorothy e o capitão alemão Rolf Bauer estão fazendo sexo oral simultaneamente um no outro. Ao final, Dorothy recebe sobre o rosto a ejaculação do alemão.

energia é entendida como ferramenta de vida.

O erotismo apresenta essa energia da natureza humana para se validar como uma espécie de morte e experiência interior do processo de transgressão do exterior em certa medida. Pois, a morte traz a descontinuidade da energia e o oposto ocorre quando a continuidade individual. Isso é um paradoxo constante do humano para Bataille. Sendo assim, “o erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Enganamo-nos quando a isso porque ele busca incessantemente no exterior um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à interioridade do desejo” (BATAILLE, 2017, p.53).

As duas últimas páginas do último volume mostram um jovem morto no campo de batalha, numa espécie de cratera, todo eviscerado e com os genitais longe. Nesse caminho, o último quadro termina com essa cena de destruição do cenário e que ainda assim lembra uma flor desabrochando. Nesse sentido no terceiro livro de *Lost Girls* encontramos a culminância de todos esses pontos entrelaçados da história com o erotismo, resultando na guerra, por exemplo o desfecho do livro está descrito na página a seguir:

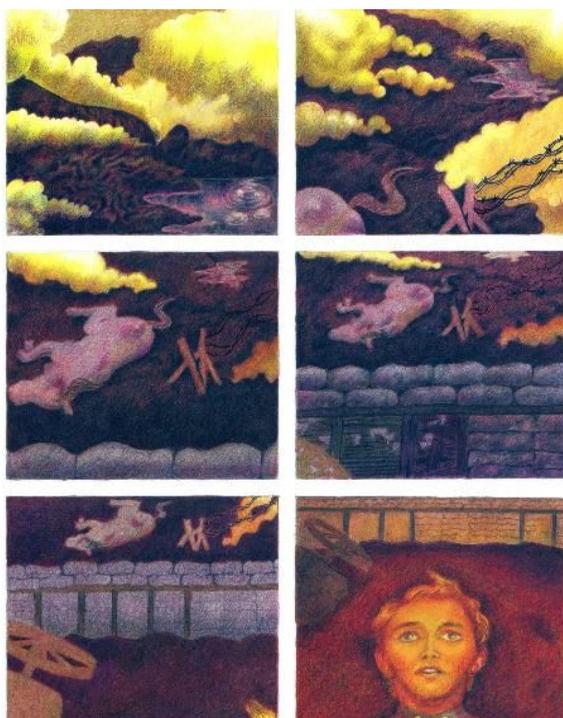


Imagem 4: Página apresentando cenário de desolação, finalizado pelo rosto de um combatente morto.

Fonte: MOORE; GEBBIE, 2006, livro 3, Capítulo 30, p.7.

Na página acima observamos nos dois primeiros quadros as nuvens com tons amarelados que indicam uma espessa fumaça oriunda do gás mostarda, composto químico largamente utilizado durante a Primeira Guerra Mundial. No terceiro e quarto quadro verificamos a presença de um porco morto e/ou ferido no chão próximo às trincheiras. Mais adiante nos próximos quadros, notamos a presença de fumaças e no último quadro vemos um rosto de um soldado de cabelos loiros e branco com um olhar estagnado.

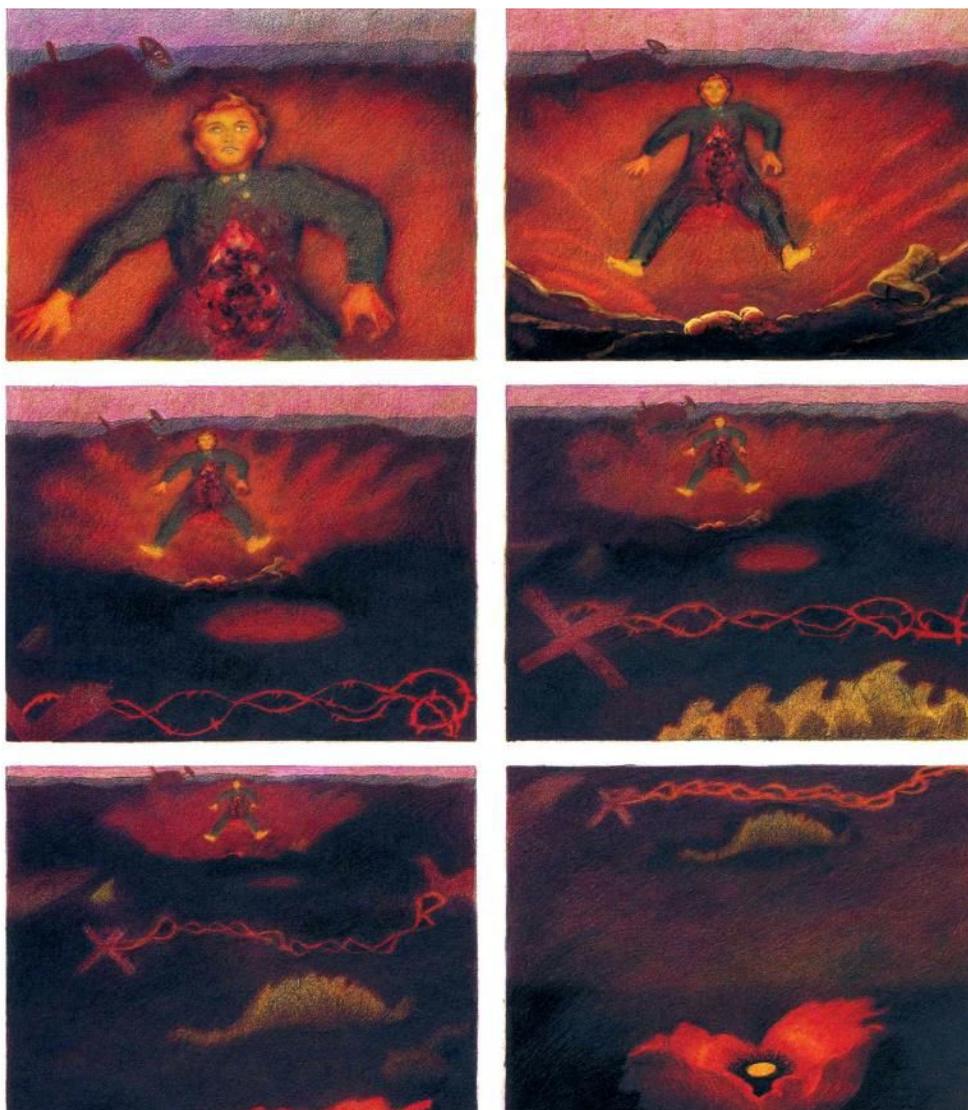


Imagem 5: Simbolismo do corpo masculino morto e da atmosfera da Primeira Guerra.

Fonte: MOORE; GEBBIE, 2006, livro 3, capítulo 30, p. 8.

A página prossegue com a imagem de um soldado que tem os seus órgãos da região da barriga e sexuais destruídos, jorrando sangue. No segundo quadro observamos uma cratera que significa que uma bomba alcançou, já no terceiro quadro temos o espaço como um lugar cercado com concertinas para proteção ao seu redor. No quarto quadro, notamos um distanciamento do corpo em até observamos um mato no canto inferior do quadro. No quinto encontramos uma divisão da concertina que divide o personagem em um buraco de uma flor que aparece com as pontas de uma flor com as suas pétalas, até que no último quadro apresenta-se completa e com o seu botão amarelo com uma maior evidência. Trata-se de um símbolo de fecundidade, das potências femininas, que aparece contraposto ao jovem que com a morte perdeu suas capacidades vitais e sexuais. Vida e morte se misturam e ao associá-los Moore e Gebbie contribuem para dar presença à atmosfera da Primeira Guerra.

Considerações finais

Baseamos as nossas leituras interpretativas em estudos diversos, de George Bataille a Hans Ulrich Gumbrecht, além de menções pontuais a outros pesquisadores. Os estudiosos mencionados aqui nos permitem dialogar com *Lost Girls*, de modo a construir uma relação mais contextualizada dos diversos conceitos erótico-pornográficos que permeiam a obra. O nosso ponto de discussão foi observar a crítica às guerras em relação ao erotismo e como isso se desenrola na obra *Lost Girls*. Consideramos que o erotismo e a pornografia têm diferentes nuances de investigação no âmbito histórico, social e político e, na parte final do texto, fizemos um recorte do terceiro livro de *Lost Girls* que culmina no distanciamento das três personagens principais da cidade prestes a ser tomada por soldados alemães.

Esse nosso percurso traz à tona alguns pontos do erotismo, pornografia e da Primeira Guerra Mundial no terceiro livro de *Lost Girls* de Alan Moore e Melinda Gebbie. *Lost Girls* é nessa história em quadrinhos que conta o início da vida sexual de três importantes personagens femininas de ficção do fim do século XIX e início do século XX. Alice, da obra *Alice no País das Maravilhas*, Dorothy Gale, de *O Maravilhoso Mágico de Oz*, e Wendy Durling-Darling ou Srta. Potter, da série *Peter Pan*, são personagens que trazem novas formas de contemplar a liberdade de expressão.

O contexto da guerra promove um impulso de reflexão da importância do sexo no desenvolvimento dos quadros apresentados aqui. Assim, podemos constatar que Alan

Moore e Melinda Gebbie criaram uma história em quadrinhos que crítica toda uma sociedade limitada, conservadora e guiada por canalizar as suas energias em guerras inúteis e não frutíferas. As sensibilidades eróticas e pornográficas que os três livros de *Lost Girls* nos reverberam a ideia da energia corpórea direcionada para uma libertação social e de quebras das prisões sexuais, de desejos, de tabus sociais em relação ao corpo. Além disso, as memórias das personagens nos proporcionam reflexões importantes com relação ao momento histórico em questão não como uma forma de pretexto, mas como crítica do espaço abordado nos quadrinhos.

Referências

ASSIS, Diego. Leia a íntegra da entrevista com Alan Moore: Em que o autor de “Lost girls” fala mais profundamente sobre pornografia. E aponta críticas nos mestres do erotismo europeu Manara e Crepax. Em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL78296-7084,00.html>. Acesso em 08/02/2021.

AICARDI, Gianluca. *M for Moore- Il genio di Alan Moore da V for Vendetta e Watchmen a Promethea*. Tunuê, Latina, 2005.

BATAILLE, GEORGE. O erotismo. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CANDIDO, Antonio e outros. *A personagem de ficção*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COMER, Todd A.; SOMMERS, Joseph Michael. *Sexual Ideology in the Works of Alan Moore: Critical Essays on the Graphic Novels*. Jefferson, North Carolina: McFarland, 2012.

EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

EKLUND, Tof. “A Magical Realism of the Fuck.” ImageText3:3 (2007). http://www.english.ufl.edu//imagetext/archives/v3_3/lost_girls/eklund.shtml. Acesso: 01/02/2021.

FREUD, Sigmund. A transitoriedade. In: *Obras Completas*. Trad. e notas Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, v. 12.

GEBBIE, Melinda. About me. Disponível em <http://www.melindagebbie.com/aboutme.html>. Acesso: dezembro de 2022.

GRAVETT, Paul. CREATOR PROFILE: MELINDA GEBBIE. S/d. Disponível em http://paulgravett.com/profiles/creator/melinda_gebbie. Acesso: dezembro de 2022.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung*: sobre um potencial oculto da

- literatura. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- HUNT, Lynn. *A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade*. Tradução Carlos Salak. São Paulo: Hedra, 1999.
- KHOURY, George. *The Extraordinary Works of Alan Moore Indispensable Edition*. North Carolina: TwoMorrows Publishing, 2003.
- MILLIDGE, Gary S. *Alan Moore: Storyteller*. Lewes: ILEX, 2011.
- MOORE, Alan & GEBBIE, Melinda. *Lost Girls*. Book 1: Older Children. Marietta, GA: Top Shelf Productions, 2006.
- MOORE, Alan & GEBBIE, Melinda. *Lost Girls*. Book 2: Neverlands. Marietta, GA: Top Shelf Productions, 2006.
- MOORE, Alan & GEBBIE, Melinda. *Lost Girls*. Book 3. Marietta, GA: Top Shelf Productions, 2006.
- MOORE, Alan; GEBBIE, Melinda. *Lost Girls*. Tradução de Octávio Aragão. São Paulo: Mythos Editora, 2021.
- ROBBINS, Trina; RICHARDS, Terre. *The Complete Wimmen's Comix*. Seattle, WA: Fantagraphics, 2016
- RODRIGUES, Márcio dos Santos. Sociedade de consumo, ecologia e histórias em quadrinhos: análise de América, de Robert Crumb, e o Monstro do Pântano, de Alan Moore. *Anais das 2as. Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SILVA, Suellen Cordovil da; REIS, Gustavo Soldati Reis. Uma leitura de gênero de *Lost Girls*, de Alan Moore e Melinda Gebbie. In.: *Sexo e gênero nos quadrinhos* [livro eletrônico] / organização Guilherme "Smee" Sfredo Miorando. -- 1. ed. -- Leopoldina, MG: ASPAS, 2020.
- TONIK, Ginnis. It's Porn, But Is It Art? A *Lost Girls* Retrospective. Disponível em: <https://womenwriteaboutcomics.com/2016/04/its-porn-but-is-it-art-a-lost-girls-retrospective/>. Acesso: 08/02/2021.
- STRÖMBERG, Fredrik. "Robbins, Trina,". *Comics through Time: A History of Icons, Idols, and Ideas*, ed. M. Keith Booker. Santa Barbara, CA: ABC- CLIO, 2014, p. 750–751.